

António Ribeiro Sanches

Plano para a Educação da Fidalguia

**Universidade da Beira Interior
Covilhã – Portugal
2003**

Conteúdo

A Arte Militar	2
Moral, Direito Natural e Civil	4
A Arte de se tornar amável	5
A Economia Civil e Política do Império da Rússia	6
Objecções e Reflexões sobre o plano de educação proposto acima	7

Senhor

Se Vossa Excelência aprovar os pensamentos que se seguem sobre a *Educação* de que me concedeu a honra de me encarregar, faço radicar todo o mérito no desejo que tenho de ser bem sucedido e no vivo interesse que assumo por tudo o que lhe diz respeito. Será preciso ser naturalmente destituído de humanidade, de amor e de reconhecimento para não ser vivamente tocado, e sobretudo penetrado pelo mais profundo respeito por um pai que toma tanto a peito a educação da sua família, com tantos cuidados, esforços e gastos. Procurarei, em mau francês, contribuir quanto me for possível para secundar tão excelentes, nobres e amáveis intenções.

Não me deterei, no momento, a especificar os conhecimentos das línguas estrangeiras e das ciências elementares necessárias a um Jovem Fidalgo destinado a servir a sua pátria em tempo de paz e em tempo de guerra. Tudo isso foi já ordenado e feito por ordens vossas, Meu Senhor; as que tenho neste momento reduzem-se a esclarecer e pôr totalmente em dia a proposição que se segue:

“A Educação de um Fidalgo deve ser orientada para obedecer e mandar nos países em que nasceu, em tempo de paz e em tempo de guerra”.

Se este Fidalgo for Russo, será preciso conhecer a fundo a constituição deste Império para orientar a sua educação, será preciso conhecer o seu estado Político, o seu estado civil, o seu estado Económico, isto é, as suas leis, os seus costumes, os seus usos.

Um Fidalgo Francês, destinado igualmente a servir a sua pátria, deve ser educado segundo a Constituição da Monarquia Francesa; e a fim de poderem comparar-se melhor estas duas diferentes educações e apreciar os seus resultados, há que fornecer aqui uma descrição sucinta.

Todos os súbditos que compõem esta notável Monarquia estão divididos em três classes:

- * A *Nobreza*, que exerce cargos nas funções Militar e da Igreja;
- * Os Magistrados que exercem cargos na Magistratura;
- * Os Cidadãos que exercem cargos na Economia Civil e Política, no Comércio, nas Artes, etc..

Todos os indivíduos têm por direito da Monarquia *propriedade* de bens e *Liberdade* determinada e garantida pelas suas Leis.

É portanto fácil determinar os conhecimentos e as ciências que devem entrar na educação de cada uma das três classes.

Como o destino de um Jovem Fidalgo é servir nos exércitos e nas Armadas, ou no Estado Eclesiástico; como está destinado a ser cortesão e exercer funções no Ministério como Secretário de Estado, Embaixador, Enviado etc., a sua educação é geralmente efectuada da seguinte forma:

Dado que a educação dos Fidalgos ocorre ordinariamente em casa dos Pais, um ou vários Mestres subalternos dão instrução a um Jovem Fidalgo em matéria de conhecimentos da língua Materna, da Língua Latina, de Geografia, de Elementos de História, de Heráldica, de Desenho, de Geometria, de Trigonometria, de Arte Militar.

Esta é a primeira parte desta educação. Eis a segunda: arte de agradar e de se tornar amável tanto na corte como na alta sociedade; a dança, a música, falar e escrever a sua própria língua com propriedade e elegância, e alcançar uma postura fácil e desembaraçada que se adquire na convivência com gente categorizada e principalmente em círculos de Damas durante os bailes, as ceias e no jogo.

A Nobreza Francesa não está obrigada a aprender, na sua juventude, nem o direito Natural nem o Civil, já que não é destinada à Magistratura, e menos ainda à Economia Civil ou Política, em que, na sua maior parte, exercem funções os Burgueses notáveis ou os Cidadãos. A sua educação é perfeitamente calculada para servir a pátria segundo a constituição desta, em que cada indivíduo tem a propriedade dos seus bens reconhecida pelas leis e garantida pelo Soberano; em que a Jurisdição Real assenta nos Parlamentos que são os executores e defensores das Leis dessa Poderosa Monarquia; em que o Soberano ocupa unicamente a sua Nobreza nos Exércitos, nas Armadas, na sua corte, no seu Ministério e na Igreja.

Embora muita da Nobreza siga a Magistratura e exerça funções em vários empregos civis, a constituição do Estado nunca se altera devido a este duplo emprego da Nobreza, já que a mais ilustre e de primeira ordem não conhece outra ocupação senão a da Corte e a Militar.

É agora tempo de apresentar a constituição do Império da Rússia, dar a conhecer as diferentes classes de indivíduos e algumas das suas leis fundamentais, a fim de poder determinar a educação que convém à sua Nobreza, e saber se a Educação Francesa será suficiente para dela se servir em proveito próprio.

Os súbditos do Império da Rússia estão divididos em duas classes: a primeira engloba toda a Nobreza, mais por privilégio do que pela constituição do Império. Esta primeira classe tem a propriedade de bens; pode fazer testamento e nomear herdeiros. E embora a *liberdade* tenha começado a aparecer desde que a

Casa Romanov subiu ao trono, ainda não é reconhecida nem sustentada pela lei.

A segunda classe é totalmente destituída da *propriedade* de bens e de *liberdade*; e embora por via de privilégios se encontrem algumas excepções, a constituição do Império nunca lhes reconhece *propriedade* de bens, nem *liberdade*.

Por uma lei de Pedro o Grande, toda a Nobreza está obrigada a entrar ao serviço dos Exércitos ou da Armada com a idade de treze anos. Como o terceiro estado, ou seja, o cidadão ou Burguês notável, não é reconhecido pela constituição do Império; como a Nobreza Russa nunca abraça as Dignidades eclesiásticas; segue-se que é da primeira classe que saem todos os que exercem funções em altos cargos da corte e do Ministério. Desta classe saem os Generais e os Almirantes, os Magistrados e todos os que exercem funções na Economia Civil e Política deste vasto Império.

Em França, e em quase todas as Potências da Europa, os que comandam os exércitos, os que administram a Justiça e os que superintendem à *receita e despesa* do estado saem das três classes de indivíduos: da Primeira Nobreza; da Nobreza e da Burguesia; e apenas da Burguesia.

Na Rússia, todos os cargos, todos os Empregos civis, Militares, Económicos e Políticos da corte e do Ministério são exercidos unicamente pela classe da Nobreza, na totalidade alistada ou educada na arte Militar.

Em França, um Fidalgo após a Guerra ou permanece na função Militar ou se retira para as suas terras. As patentes de General Maior e de Lugar-Tenente General não têm honorários militares em tempo de paz. Podem estar empregados na Corte ou no Ministério, mas nunca entram na Magistratura, nas Intendências de Província, nem em cargos de Finanças e de Economia.

Na Rússia, um General, um Marechal de Campo, um Coronel, depois de terem servido na guerra com honra e distinção, saem do mundo Militar e tornam-se Senadores, Presidentes dos Colégios de Guerra, de Justiça, Estribeiros-Mor, Governadores de Província, Dignitários; exercem funções em todos os departamentos de Finanças, de Economia, ou no departamento de *receita* e de *despesa* do Império.

Perguntou-se a Aristipo o que era preciso ensinar a um jovem? O que precisa de fazer quando se torna homem, respondeu. Por esta resposta ficamos convencidos de que a educação Francesa é muito própria para a Nobreza Francesa; e que a mesma não só é insuficiente para a Nobreza Russa, como é ainda preciso suprimir uma grande parte daquela para a substituir por outro tipo de conhecimentos.

Pela exposição anterior, um Nobre e Militar Russo será obrigado a tornar-se Magistrado e a governar as Finanças do Império. É preciso, então, que na sua Educação entrem não só os conhecimentos necessários à arte Militar e da Corte, como também os necessários à arte da Magistratura e da Economia interna e Estrangeira.

Apesar da evidência destes detalhes referentes à diferença que deve haver entre a educação das Nobrezas Russa e Francesa, desde há vinte ou vinte e cinco anos que a Rússia está inundada de enxames de tchitili, ou preceptores Franceses ou Berlimenses que pretendem que a educação que ministram torne um Fidalgo capaz de servir a sua pátria e de se fazer amar e considerar na corte e na cidade.

Tanto quanto a minha experiência me diz, estes preceptores ou tchitili fazem tudo o que podem para que o seu aluno fale correctamente o francês e que consiga escrever uma carta nessa língua; obrigam-no a aprender de cor algumas fábulas de La Fontaine, obrigam-no a ler Telémaco, um qualquer Romance bem escrito; um pouco de geografia sem princípios, Elementos da História que consistem nos nomes dos Reis, dos Imperadores; uma pincelada superficial de Heráldica que se esforçam por apresentar de forma colorida; depois disso, a dança e a orientação de como deve arranjar-se para o dia. E logo que o aluno resolve casar-se ou ter um emprego no corpo de guardas, nas Forças Armadas ou na Corte, dão a educação por acabada, e o Aluno, sem entraves, esquece em poucos dias tudo o que aprendera; entretanto, lê livros de *toilette* durante uma ou duas horas, tempo dedicado cada dia a arranjar-se e a empoar-se.

Sangra-me o coração quando considero os nefastos efeitos que se dão de seguir mais tarde na Rússia, se esta educação dos tchitili continuar ainda durante meio século! Sangrava-me, também, ao ver os Regimentos Russos a marcharem sobre o gelo e a neve, com disfarces de tecido branco, arrançados e empoados. Peço-vos perdão, Senhor, por este desvio, nascido da dedicação que eu tenho pela vossa pátria. Enfim, dado que estou convencido de ter demonstrado a insuficiência da educação francesa para tornar um Fidalgo Russo capaz de servir a sua pátria durante a paz e durante a guerra, ousou propor aquela que me parece estar mais de acordo com a constituição da Rússia.

A Arte Militar

Primeira Parte da Educação de um Fidalgo Russo

Parto do pressuposto de que um Fidalgo Russo na idade da inscrição no colégio de Guerra ou no

corpo de Guardas, sabe escrever correctamente a língua materna, escrever uma carta e fazer um relatório. Seria de desejar que soubesse o eslavo para escrever mais correctamente e entender os livros da sua Religião. Pressuponho que fale e escreva sofrivelmente o Francês e o Alemão; que saiba também os princípios do desenho sem querer que se torne(m) pintor(es); a Geografia, estudo para um mês quando se sabe mostrá-la no globo terrestre confrontado com as cartas geográficas, sem qualquer outra leitura para além da explicação de um mestre hábil, seria a melhor preparação para aprender a história profana e a Sagrada, pelo menos a partir do Nascimento do Salvador, ou de Augusto César até aos nossos dias; podia ser-se instruído nas primeiras regras da Aritmética e nos primeiros seis livros de Euclides.

E logo que o Jovem Fidalgo pudesse fazer um exame destes conhecimentos, buscar-se-ia um Engenheiro para lhe ensinar a arte da guerra, pelo menos durante dois anos: uma hora por dia gasta em instrução de gabinete, e algumas outras, no mesmo dia, na prática dessa arte.

Se se tiver a sorte de se encontrar um Engenheiro experimentado, homem feito e instruído, não é necessário que eu entre aqui no que ele lhe deve mostrar no gabinete: ensinar-lhe-á a Geometria Linear e os Sólidos, a Trigonometria e as secções cônicas, e ao mesmo tempo a aritmética, as fracções, as decimais e a Álgebra até à resolução das equações surdas, a Fortificação, os princípios da Architectura civil de ataque e defesa de praças, e a Tática, que não é um estudo difícil em que seja necessário gastar muitos anos. Mais por defeito dos Mestres que por incapacidade dos alunos, estes normalmente não têm aproveitamento. Se aqueles lhes apresentarem o que ensinam com *ordem, com uma certa desenvoltura* e com um *desejo afectuoso* de que o seu aluno tenha aproveitamento, todo este estudo acabará em menos de dois anos. Os Mestres que se conduzem mais pelo seu vil interesse do que pelo prazer de se tornarem estimáveis, logo que estão seguros de que farão fortuna com os seus alunos retardam a sua progressão; por isso é preciso tomar precauções quando com eles se estabelece acordo. E este método deveria ser seguido com todos os Mestres que exercem funções na educação.

Se eu quisesse produzir um Académico, um Professor, ou um sábio, qualquer Matemático hábil poderia ensinar o que acabo de especificar; mas eu quero formar um General, um Marechal, capaz de formar, instruir, sustentar e conservar um exército e torná-lo temível ao inimigo; é preciso que a sua educação não se passe no gabinete a calcular e a desenhar fortalezas e máquinas, é-lhe necessária a prática

da arte da guerra todos os dias de tarde, depois de passar uma ou duas horas de manhã no gabinete com o seu Engenheiro.

Desejaria que as partes da tarde fossem sempre passadas na companhia do seu Engenheiro a examinar, por exemplo, a fortaleza de Petersburgo ou qualquer outra onde se lhe mostrasse o tipo de fortificação e todas as partes em pormenor; que num outro dia se fosse ao centro de engenharia ver, observar e examinar os modelos de fortalezas, os planos dos acampamentos, as armas, os pontões, os fornos de campanha. Pensamos que efectivamente a curiosidade do aluno entusiasmará o seu Mestre a explicar-lhe os seus usos e a melhor forma de deles se servir.

Num outro dia, noutra semana ou noutro mês, faria o exame da secção de artilharia: ver aí produzir as provas de força da pólvora no canhão, como se carregam estes e os morteiros, como se carregam as bombas, as granadas, e tornar-se assim instruído pela simples visão e observações do seu Mestre sobre o que não se pode aprender nos livros.

Um outro mês aplicar-se-ia à forma como se farda e se alimenta um exército, e ainda ao conhecimento da melhor maneira de construir plataformas móveis ou polzie.

Evidentemente que nunca poderia negligenciar os exercícios com a espingarda, com o espontão e o florete, nem o exercício militar, nem as suas evoluções. Se o Engenheiro for experimentado, completo na sua arte e ensinar com amor, irá facilmente ao encontro desta instrução prática que lhe servirá, bem como ao seu aluno, de descanso relativamente ao estudo da manhã.

Não se pode imaginar quanto a prática das artes Nobres e das ciências contribui para compreender a sua teoria. Dizia-me um excelente e muito experimentado Engenheiro: “Os criados dos Engenheiros que se empregam na sua arte, tornam-se todos Engenheiros; os discípulos dos Engenheiros educados nas Escolas de engenharia, todos se tornam Matemáticos”. Poderia dizer o mesmo de muitas outras artes.

Não entrarei aqui a especificar os livros necessários para compreender esta ciência; o Mestre competente deve dá-los a conhecer ao seu aluno. Mas não posso ocultar uma obra desta ciência que foi publicada há pouco tempo sob o título “Elementos da Arte Militar Antiga e Moderna, por M Cugnoz Annet Engenheiro. Paris: 1766”. Os especialistas têm-na em grande conta. É um livro que poderá servir para a educação que acabo de delinear.

Moral, Direito Natural e Civil

Segunda Parte da Educação de um Fidalgo Russo

Felizmente, Meu Senhor, que encontrastes o digno Sr. Schoepflin para orientar os estudos dos Senhores vossos queridos filhos. Ele que conhece o valor destas matérias indicadas no título, terá indubitavelmente tomado um cuidado particular em nelas os instruir. Limitar-me-ei, por isso, à questão da aplicação dos conhecimentos com aplicação na Rússia.

Seguramente, que pela Constituição deste Império, o Soberano constitui a única lei. Apesar das *Ulogénias*; Apesar dos *Ukazi* de Pedro o Grande e dos seus sucessores, o Soberano é Senhor capaz de os revogar. A *propriedade* de bens não é conhecida entre os indivíduos, como também a *liberdade*, a não ser por graça e privilégio. Antigamente os bens dos Fidalgos existiam como feudo. Pedro o Grande, pela sua grandeza de alma tornou-os Alodiais ou de posse própria. Isto foi mercê, mas não é lei constitutiva do Império.

Parece, então, que numa tal constituição, a Moral, o Direito Natural e o Direito Civil são supérfluos. O Soberano nunca renunciou à Sua Jurisdição, nunca a depôs nas mãos do Senado ou de qualquer outro Tribunal para executar e garantir as leis ou os *||azi*.

Apesar da inflexibilidade desta constituição do Império, a propriedade e a Liberdade fizeram progressos, se bem que mínimos, e não demorará um século para que estes bens da Sociedade se mostrem com clareza.

O estado de escravatura e servidão é violento. A natureza violentada faz cada dia os seus esforços para adquirir o seu estado natural de bem-estar, para se conservar por mais tempo.

O primeiro chefe ou conquistador da Rússia, tendo conquistado com a sua tropa os povos vizinhos, estes renderam-se-lhe como escravos, isto é, entregaram-lhe os seus bens, todo o seu poder e liberdade, na condição de aquele lhes poupar a vida. Quase todas as Monarquias tiveram as mesmas origens.

Então o Soberano, tanto por interesse próprio, como para satisfazer o Contrato de sujeição, poupou sempre a vida dos seus súbditos escravos. A Lei de Pedro o Grande, pela qual proíbe o Fidalgo de matar o seu escravo, não é consequência da sua clemência; é acto de justiça para com o escravo. O próprio Soberano não é o seu Dono, enquanto aquele conservar a sua inocência. Ele outorgou tudo o que tinha de caro e estimável ao seu chefe conquistador, ou aos seus antepassados, na condição de este lhe conservar a vida. Conservou-lha naquele momento; por isso,

este mesmo chefe não pode, sem injustiça, privá-lo dela, enquanto ele não se tornar culpado.

Quando os Soberanos da Rússia (principalmente desde que a Casa Romanov subiu ao trono) começaram a fazer leis a favor destes súbditos, permitindo-lhes fazer doações entre vivos, fazer testamentos a favor de parentes, contrair casamentos sem autorização dos seus Senhores, a Lei Natural foi tomando pouco a pouco os seus direitos, ao mesmo tempo que abrandava a dureza da escravidão. Estas graças e estes privilégios aumentam todos os dias na Rússia por clemência dos Soberanos, e ao mesmo tempo que Ministério e Cortesãos forem ficando mais esclarecidos e instruídos nos direitos da humanidade e da sã Política, estas graças e privilégios hão-de ser muito mais frequentes. Só a ignorância destes dois direitos, só a educação perversa e bárbara são causa da tirania e da escravidão mais duras. Quando os Soberanos não falarem senão com Ministros e Cortesãos bem educados e instruídos, podemos esperar que os seus espíritos contrairão a mesma forma de pensar e de agir.

Como a Nobreza Russa está destinada a ocupar cargos nos Tribunais de Judicatura, no Senado, no Colégio de Guerra e Almirantado e nos Governos de Províncias, como está destinada igualmente a servir a Corte, não só nos grandes cargos desta, mas também nos do Ministério, quer dentro do Império quer nas Cortes Estrangeiras, é preciso que na educação de um Fidalgo Russo entre a *Moral*, o *Direito Natural*, o *Civil* e o *Político*; que saiba os princípios destes e que os aprenda, quanto possível, através da prática dos Tribunais.

Mas o Mestre que deve ensinar estes conhecimentos não deve ser um tchitiel. Terá de se procurar um homem instruído e que tenha estado a trabalhar junto de algum Embaixador ou de algum Tribunal, não só para conservar os princípios aprendidos na Universidade, mas para os desenvolver pela prática, pela leitura de bons Autores (e estes são raros), e através da conversação de um homem experimentado nos negócios políticos e civis da Europa. Se um tal homem tivesse, ao mesmo tempo, as qualidades de um coração afável para amar e fazer-se amado, seria um tesouro em Vossa Casa, meu Senhor. Seria o amigo, o Director da verdadeira e sólida instrução, o que, na verdade, é tão raro.

Gostaria que o Jovem Fidalgo fosse, só ou acompanhado, ouvir de pé, na parte de trás das salas de audiência dos Senadores e Presidentes de Colégios, as acções contenciosas que aí se tratam, e seguir uma mesma causa e uma mesma questão civil, económica ou criminal, desde o início do processo até ao fim. Na Dinamarca esta lei está em vigor. A Jovem No-

breza, depois de ter feito os estudos em Direito, é obrigada a frequentar os Tribunais do Reino como Auditora. Esta prática produziria no espírito daquele Jovem Fidalgo efeitos consideráveis em benefício da sua honra e da pátria. Faria, então, mais caso da sua língua que da dos Estrangeiros; aprenderia e compreenderia mais facilmente do que através da leitura, chegaria ao conhecimento das Leis, dos usos da sua pátria, chegaria ao conhecimento das receitas e despesas do Império, e, sobretudo, adquiriria o atestado mérito de homens respeitáveis que estão à frente dos negócios públicos.

É possível dedicar-se à Arte da guerra da forma acima definida, e ao mesmo tempo à Instrução do Direito Natural e Civil com a prática antes mencionada; encontrar-se-á tempo suficiente se se tiver vontade de o gerir, e desejo de aproveitar.

A Arte de se tornar amável

Terceira Parte da Educação de um Jovem Fidalgo

Se a Nobreza Russa estivesse apenas destinada a servir na Corte, talvez a educação francesa fosse suficiente para cumprir o seu destino. Mas um tchitnie nunca formará senão um arremedo de um homem distinto, digno de servir uma corte. Os pobres pais que não sabem em que consiste a educação, admiram as macaquices das contorções e das reverências do seu filho com uma frivolidade de linguagem tão pouco entendida pelo filho como pelo pai, completamente extasiado!

O Falecido Príncipe Kourakin, Estribeiro-Mor, que sabia bem o que era a Corte, tão tumultuosa no seu tempo, e que ela era a causa da perda das Casas pelo luxo, pelo jogo e pelas intrigas, decidiu inscrever como soldado da Guarda o seu único filho de doze anos de idade, com a intenção (dava-me ele a honra de dizer) de lhe dar uma educação mais vigorosa e menos dissipada do que se o metesse na Corte. A morte levou-o pouco tempo depois, e o seu filho entrou finalmente na Corte, para desgraça da sua casa.

Este exemplo mostra bem que um Fidalgo Russo deve ser educado de forma a que possa prestar serviço na Corte. É preciso que possua num certo grau essa arte tão estimada em França, *de se tornar agradável*: arranjar-se, dançar, ocupar o seu lugar nos círculos sociais, à mesa, não dizer nem fazer coisa que ofenda os usos e os costumes habituais, nem mesmo no vestuário, na postura ou na marcha. Tudo deve ser feito à medida da companhia. Aprender esta arte com perfeição na Rússia torna-se difícil, já que aqui os bailes, as ceias e os círculos de Damas são mais ra-

ros do que em Paris. No entanto, estes lugares são as melhores escolas para adquirir grau na arte de agradar.

Durante este tempo deve dar-se mais atenção ao exercício da *artimanha* da Corte e exercitar-se nela sempre que as funções lhe permitam; toda a gente conhece a necessidade e utilidade deste excelente exercício em todas as diferentes situações de um Gentilhombre ao serviço da sua pátria.

Eis o que diz respeito às exterioridades e à arte de agradar. Mas para desempenhar o papel de Cortesão, são precisos muitos outros talentos: é preciso conhecer o homem a fundo; o mais pernicioso entre todos os animais quando é ignorante, feroz ou simulado, é o melhor de todos os seres vivos se dotado das virtudes agradáveis e benéficas a si e aos outros. O Cortesão trata com homens compostos desta mistura de vícios e de virtudes. É necessária inteligência, prudência, discrição e paciência, que é o mais difícil no furor da juventude. Nas Memórias Históricas e em algumas Histórias podem ler-se e meditar-se as funções dos Cortesãos e a sua conduta, e um Jovem Fidalgo não perderá nisso o seu tempo se chegar a conhecer a natureza deste lugar, tão sedutor para aqueles que não sabem o que é a corte.

Quer-me parecer que, se a Biblioteca de um cortesão fosse composta dos livros de que irei indicar aqui o título, ele pouparia muito tempo e trabalhos relativamente à leitura de outros.

- Todas as obras de Plutarco, por Dacier e Ameloz.
- As Obras de Tácito = por Ameloz de l'Haussaye.
- Ciência do Governo por St. Real, 8 volumes in 4^o obra novamente Impressa.

Neles se encontram os conhecimentos genéricos para um Cortesão, para um Ministro dos Estrangeiros e para um Secretário de Estado.

O perigo do exercício de funções na Corte, é contrair lá a aversão ao trabalho, à reflexão; cai-se em vícios opostos devido à dispersão por milhentos assuntos, às vezes frívolos, aos adornos sedutores, à música, ao teatro, às vezes ao deboche; cai-se no hábito de se levantar tarde, já que se vai para a cama duas ou três horas depois das ceias. Com a Economia desordenada cai-se em dívidas, é-se arrastado para excessos; desejam-se, então, mudanças para se endireitarem os negócios minados, e a maior parte das vezes para mudar a própria condição.

Para evitar estes perigos é preciso um esforço cada vez maior para que a educação da Jovem Nobreza

seja a mais virtuosa e a mais activa. E isto será tudo o que tenho intenção de pormenorizar já a seguir.

A Economia Civil e Política do Império da Rússia

Quarta Parte da Educação de um Fidalgo Russo

A constituição do Império da Rússia pede que a Nobreza seja mais instruída na Economia Política, e na Economia particular, do que a do resto da Europa. Todas as Potências desta se tornaram Mercantis: a guerra faz-se hoje para conquistar o comércio mais extenso e o mais lucrativo; os Ministros dos Negócios Estrangeiros não se ocupam senão de Tratados de Comércio; uma Potência calcula hoje a sua Receita e a sua Despesa como um Banqueiro ou um Comerciante; se não vende mais ao estrangeiro do que o que nele compra, encara a sua perda e a sua destruição. É preciso, por isso, que os fidalgos Russos em exercício estejam mais a par destes meios de governar os Estados do que os das outras Potências. Suponhamos que a Rússia, para comprar mais do Estrangeiro que o que Ela lhe vende, entra em perda de receitas: não poderá aumentar os impostos aos camponeses Escravos para além de 70 Copeques, caso contrário seria colocá-los ou na necessidade de desertar, ou de não pagarem. Mas suponhamos que a necessidade pressiona. Será então preciso que os Senhores das terras forneçam fundos para remediar as necessidades à medida que elas vão aparecendo; fornecerão duplos e triplos recrutamentos, e arruinarão as suas povoações; serão obrigados a alimentá-los, a vesti-los, a dirigi-los durante o primeiro ou segundo ano. Este fardo não cairá imediatamente sobre o povo, como nos reinos da Europa; cairá unicamente sobre os Donos das terras.

Em função da mesma constituição, um Fidalgo Russo deve ser mais económico do que qualquer outro da Europa. Um Fidalgo Francês ou Alemão católicos podem colocar a família em três ou quatro condições diferentes sem a arruinar: pode colocar um filho na função Militar; o mais novo na vida Eclesiástico onde se tornará Cónego, Bispo ou Abade Comandatário; um terceiro nos Parlamentos; as Filhas nos Conventos ou nas Abadias Reais.

Um Fidalgo Russo está privado de todas estas vantagens. Na França e na Alemanha, as Casas Nobres têm muitos bens *de substituição* que não podem ser alienados senão por crime de Alta traição; na Rússia, as substituições são desconhecidas. Se o Pai destruiu a sua casa, as suas terras são vendidas para pagar aos Credores.

Na França e na Alemanha, a Nobreza manda educar os filhos dos dois sexos nos Colégios ou nos Conventos com muito pouco gasto; na Rússia, são exigidas despesas consideráveis para que um Fidalgo os eduque.

Por esta e outras razões que não é preciso aqui detalhar, um Fidalgo Russo deve ser educado com todo o conhecimento possível sobre a Economia particular e a do Estado.

As regras Económicas para regular uma Casa e um Império decorrem de um único conhecido princípio de Catão, o Censor, do seu livro de Agricultura: “É desejável e convém, diz este senador, a um pai de família, vender e mandar vender tanto quanto lhe for possível e comprar o menos que puder”.

Negligenciou-se até agora na educação da Nobreza a arte de usar livros de *Receita* e de *Despesa*, coisa que se pode aprender em três lições de um expediente Caixeiro Comercial, quando se é instruído na Aritmética ordinária. Os Romanos conheciam esta Instrução e praticavam-na, apesar das suas grandes riquezas e das suas grandes possessões. A constituição da Sua República e do seu Império era a razão de tal.

Um Jovem Cavaleiro ou Patrício tornado Centurião, ou com grau semelhante ao dos nossos Coroneis, desejava distinguir-se e subir às funções mais brilhantes, que eram as de Pretor, Cônsul e Censor.

Apresentava-se como candidato na Assembleia do Povo Romano que concedia os empregos e os cargos da República; pedia para ser *Questor*, que correspondia aos nossos *tesoureiros* do tesouro Real, do tesouro das Forças Militares, etc.

O seu principal e mais difícil dever era prover um exército de tudo o que lhe fosse necessário em campanha e nos aquartelamentos. Se entregasse as contas a contento do Senado, tinha entrada neste Augusto corpo e ficava com o caminho aberto para chegar às mais altas dignidades.

Se os Romanos julgassem os Jovens Fidalgos como nós hoje os julgamos, escolheriam para tesoureiros das Suas receitas e despesas de Estado, um rico cidadão ou Patrício, homem para lá dos cinquenta anos, prudente, poupado, e de forma alguma um guerreiro.

Mas os Romanos pensaram melhor do que nós. Eis o seu raciocínio acerca da *Questura* exercida pelos Jovens oficiais: ou este mancebo há-de sair desta espinhosa tarefa com honra e integridade, ou não? Se sair com honra e reputação, ficamos seguros da sua capacidade, da sua diligência, da sua integridade. Pôr dinheiro do Estado nas mãos de um Jovem militar, a geri-lo, a empregá-lo e a dele prestar contas com

honra, é a mais dura prova que poderemos fazer aos seus talentos.

Se ele não tivesse cumprido o seu dever, a República ganharia muito fechando-lhe a porta dos cargos. Conhecer a fundo um homem inábil ou infiel era de extrema importância para um senado como o Romano.

Eis então que, na distinta educação dos Romanos entrava a arte dos livros de *Receita* e de *Despesa*, com a ajuda dos quais se governa uma casa nobre e um Poderoso Estado.

A constituição do Império da Rússia obriga, necessariamente, a que esta arte faça parte da sua educação, a fim de a exercer na casa Paterna e nos cargos em que recebe e gasta os dinheiros da Coroa.

Se eu tivesse a meu cargo orientar um Jovem Fidalgo, aconselharia a que lhe fosse permitido tomar sob a sua direcção os gastos de todas as refeições da sua casa, do trem de cozinha, do carvão vegetal, da roupa, de toda a espécie de bebidas.

Quando ele tivesse obtido esta permissão, prepararia um livro branco pautado e numerado, com um índice, análogo aos dos Comerciantes, com o título *Receita e Despesa*.

Cada dia, a determinada hora, pediria ao Mordomo as contas de todas as compras, de todas as provisões a partir de um certo tempo, tanto as compradas com dinheiro contado, como a crédito, como as fornecidas pelas povoações pertencentes à casa.

Em muito poucos artigos poderia assentar no seu livro todos os detalhes pedidos ao Mordomo.

Quando estivesse familiarizado com esta prática, tomaria aos seus cuidados a outra parte da Economia que diz respeito ao vestuário, aos adereços e às mobílias; tomaria conhecimento da despesa, e ao mesmo tempo de tudo o que é preciso para conservar uma casa, se o Pai todos os anos definisse uma certa quantia a entregar ao tesoureiro para prover a estas duas secções principais da economia doméstica.

Os Antigos Persas viviam felizes e eram respeitados pelos seus Inimigos com estas duas leis: não dever e não fazer dívidas; nunca mentir.

O objectivo principal em governar uma casa com a ajuda de um livro de *Receita e Despesa* é observar a primeira lei. Desta forma regulamos a sua despesa proporcionalmente à sua receita. E quando, na primeira idade, o espírito é acostumado à ordem, à exactidão, esta ordem impregnar-se-á em todas as disposições, e aparecerá em maior grau no exercício dos cargos.

Esta instrução para conservar um tal livro, e governar um ramo da economia particular, devia ser orientada por um agente comercial durante algumas semanas; o hábito tornaria menos penoso este trabalho; e

depois do primeiro mês, este exercício tornar-se-lhe-ia agradável, o que constituiria a maior ventura, pois era sinal de que estava persuadido da utilidade desta ocupação.

Nunca percebi o facto de as Damas Russas tomarem em menor cuidado as lides domésticas. Em França, esta virtude não é rara, e menos ainda em algumas Potências da Alemanha. Não há razão para não se introduzir num país uma importante utilidade pelo facto de não existir anteriormente. Seria de desejar que este amável sexo fosse educado na economia da casa que governa, ou alguma das suas filhas. O vestuário, a mobília, a roupa parecem ser do seu ministério. Nisso se empregaria o tempo que muitas vezes se torna fastidioso, e se salientariam as virtudes amáveis fornecendo-lhes ocasião para poderem desenvolvê-las.

Objecções e Reflexões sobre o plano de educação proposto acima

Objectar-se-á que é impossível que um jovem fidalgo agente tantas lições de teoria e de prática e tantos Mestres; que o seu espírito ficará com isso confundido e perturbado e que nunca ficará com qualquer ideia clara do que aprende.

Dizer que se um Jovem Fidalgo tem de ter um Engenheiro para lhe apresentar a teoria e a prática da *Arte Militar*; e ao mesmo tempo um preceptor, homem de ciência e de experiência nos conhecimentos da *moral*, da *História*, do *Direito Natural e Civil*, e que tem de frequentar Os Tribunais como auditor; e mais um terceiro para ensinar a Arte de usar o Livro de *Receita e Despesa*, com o exercício de Economia doméstica, permitirá objectar que este Fidalgo nunca ficará com tempo para se arranjar, para aprender a dançar, e menos ainda para a música vocal ou Instrumental; e que é necessário, na sua idade, divertir-se algumas vezes a desenhar e a pintar um retrato ou qualquer modelo curioso e raro da História Natural.

Também se objectará que eu não faço menção à Astronomia, à Física Experimental, e menos ainda à Química dos metais, nem às artes; nem a que estes conhecimentos são indispensáveis a um Fidalgo que tem que frequentar Companhias ilustres; e que ignorá-las reverteria em sua desvantagem, como se a sua educação tivesse sido negligenciada.

Para responder a tantas dificuldades que parecem bem fundamentadas a quem não conheça as educações em voga, é necessário que exponha antes as minhas intenções relativamente à educação proposta.

A Rússia tem por vizinhos a Suécia a Ocidente e a Grande e Pequena Tartária a Levante e a Sudeste. A Suécia é um Reino pobre por natureza, mas os habitantes são activos, corajosos, inteligentes e constantes, dados, desde Gustavo Adolfo, à Economia doméstica e Política com um ardor que nada deste mundo os faz esmorecer. A Pragmática que acabam de pôr em execução contra toda a espécie de luxo, mostra bem o espírito altivo e indomável que os anima e aquilo de que são capazes. Em nome desta pragmática, os *frisadores* de cabelo e o *pó de arroz* para perucas são proibidos e destruídos na Suécia. Trata-se de cortar a raiz à destruição da Juventude e à ridicularia do século.

Vê-se por esta lei que esta Nação aspira a tornar-se vigorosa, activa e Empreendedora.

Reparemos nos Mongóis, nos Calmiques, nos da Grande Tartária e da Pequena Balcária, nos Caracalpaques, Nações que Rússia hoje não teme. Mas eles vivem sem necessidades nem misérias; são nações rijas, corajosas, indomáveis, a não ser pela morte.

Enquanto o Império Romano se conservava no seu vigor, desprezava os bárbaros do Norte que tinha destruído várias vezes, bem como os Árabes que tinha submetido.

Constantino Magno transporta este Império para Constantinopla, e através da comunicação e do comércio dos Reis do Oriente, o luxo entrou de mil formas nesta nova corte; a disciplina militar das Legiões Romanas perde-se pouco a pouco através da frívola educação Grega e Asiática; por volta do século oitavo, a coragem Romana tinha desaparecido dos exércitos do Império da parte Grega.

E através de que Nações morreu este Império? Através das que tinha dominado e desprezado: Hunos, Árabes e Turcos. Nações então pobres, errantes, duras, corajosas, sem carências nem necessidades.

A Suécia a ocidente, e a Tartária a oriente são os inimigos que a Rússia deve sempre temer: as fortalezas, muralhas e exércitos mais temíveis para os combater consistem numa educação da Nobreza que a torne capaz de os atacar e submeter, caso sejam acometidos pelo desejo de se sublevarem.

Mas para guerrear estas Nações, não se deve ser educado à francesa. É precisa uma educação mais vigorosa, e que esteja mais de acordo com o clima e a maneira de viver da Suécia, da Rússia e da Tartária.

Esta Educação, que passarei a chamar Russa, reduzir-se-á a tornar o corpo vigoroso, activo e resistente, e o espírito instruído e ornado com conhecimentos úteis a si e à sua pátria.

Desejaria que durante a instrução de um Jovem Fidalgo ou Fidalgos, a sua refeição da noite fosse separada da do Pai de família; que a ceia com o seu

preceptor ou governador fosse tão moderada que pudessem deitar-se entre as dez e as onze horas; e que existisse uma regra inalterável de se levantar às *seis horas* durante todo o ano, e prouvesse a Deus que durante toda a vida! Logo que estivesse levantado, deveria começar os exercícios acima mencionados com os Mestres ou preceptores, como assinaei. Durante estes exercícios, a porta deveria estar fechada ao criado de quarto, aos lacaios, aos diferentes recados do alfaiate, do cabeleireiro, etc. Se os preceptores conhecerem o seu dever e levarem a peito a ordem e o proveito que advém da boa educação, empenhar-se-ão na observância desta regra. Se não quiserem sujeitar-se a isso, é preciso tomar a resolução de ou não os contratar, ou de os despedir definitivamente.

Sabeis, Senhor, que Pedro o Grande, que teve tempo para fazer tudo o que lhe era necessário, se levantava às três horas da manhã. Toda a sua Corte, os seus Ministros, os seus Generais adquiriram o mesmo hábito. Este hábito foi a base de tudo o que fez, das batalhas que ganhou, das províncias que conquistou. Acabou com a preguiça dos Boiardos amolecidos pela regência da sua irmã, a Princesa Sofia.

O Marechal de Campo Conde de Munique, o mais activo e vigilante General que conheci entre muitos outros, levantava-se todos os dias às três horas da manhã para trabalhar sozinho ou com um secretário, por vezes dois. Nas Universidades, quando os Professores querem saber o progresso que fazem os seus discípulos, o sinal mais certo é serem informados sobre a que horas da manhã se levantam e sobre o que fazem depois de se levantarem. Sisto V; tendo sabido que o Duque de Maine, que ficava na cama até ao meio-dia, e que disputava a coroa a Henrique IV que se levantava sempre antes de raiar o dia, apesar de se mover nos interesses do primeiro, sem mais qualquer informação posterior decidiu de imediato: "o Bearnês será Rei". No nosso corpo e no nosso espírito, no que se refere à maneira de aprender, de pensar e de reflectir, entra muito de mecânico e de material: acostumamo-nos a pensar e a compreender quando estamos no gabinete de estudo; quando nos levantamos à mesma hora; quando estamos sozinhos, quando não somos distraídos por recados e visitas supérfluas e inúteis. Eis a base da *instrução* e a primeira pedra deste grande edifício da felicidade ou da infelicidade para o resto da vida.

Passemos agora a considerar os perniciosos efeitos que acontecem se não se observar a regra de levantar cedo e a hora certa. Quando um mancebo dormiu sete *a oito horas*, se ficar mais tempo na cama sabemos as consequências: Horácio, Mestre da Vida Civil, indicar-no-las-á; fê-lo quando escreveu ao seu Amigo Lólio: "Se logo de manhãzinha não mandar-

des que vos tragam luz e livros, se não vos aplicardes seriamente no conhecimento ou na prática das virtudes úteis e agradáveis a vós e às vossas obrigações, depressa vos tornareis presa das *vossas paixões*; o *amor* ou o *desejo atormentar-vos-ão cruelmente*”: Se permanecermos no hábito contrário, teremos tempo para pôr em ordem as tarefas da casa e aquelas que nos advêm dos cargos públicos. O espírito estará mais desperto, a coragem mais vigorosa, o humor será mais constante.

Quando se é educado com certa firmeza, resiste-se melhor às fadigas de uma campanha, de um cerco, de uma longa viagem; não se cai tão depressa doente devido às intempéries do ar e das estações.

A Educação acima proposta é para ocupar continuamente um Jovem Fidalgo enquanto está acordado; quatro horas durante a manhã, no gabinete, e o resto do dia fora de casa, na prática da instrução da manhã. Isto ocupá-lo-á, diverti-lo-á, distraí-lo-á tanto como ir à caça, à pesca, à Comédia e ao baile, no pressuposto de que Deus Todo Poderoso lhe inspirará o amor e a beneficência, e a tornar-se estimável pelas virtudes. Porque sem este amor ao saber, sem este ardor em persegui-lo, tudo lhe será enfadonho, mesmo os divertimentos.

Vejamos agora a utilidade que reverterá para a sua família, para si próprio e para a sua pátria, pelo facto de passar a sua juventude sempre ocupado, como acabo de delinear.

Não terá o Jovem Fidalgo tempo para as intrigas de amor, e menos ainda para essas diversões delicadas de prazer que não quero caracterizar como devassidão; não se tornará jogador, esbanjador, levando à destruição da casa paterna; não fará dívidas a crédito que lhe tornarão a vida amarga ao não encontrar meios para as pagar. Com a ocupação contínua e regrada, evitará a companhia dos Jovens Fidalgos arruinados e arrebatados por dívidas, libertinagens, construindo planos de venda e hipoteca, fazendo projectos e almejando mudanças nas famílias e no Estado para melhorarem o seu estado desesperado. Desejam, então, a morte dos pais, dos irmãos mais velhos, e tornam-se o flagelo e a ruína da casa e da Pátria que os enobreceu.

Esta Educação proposta, se não trouxesse outras vantagens para além de prevenir as desventuras mencionadas, deveria ser preferida à educação ordinária, dirigida pelos tchitieli, ou por qualquer homem amável.

Não sou capaz de ver nem de pensar sem horror e sem tremer que um Jovem Fidalgo Russo se deite à meia-noite ou às duas horas, se levante às dez ou às onze horas da manhã, que se aperlalte durante uma hora e às vezes duas, com um livro da Biblioteca ade-

quado à *toilette*, como são os Romances, os livros de Aneodotas, os de contos, Miscelâneas e outros de espírito viciado e que só servem para perda de tempo; que se sente à mesa e que, saindo, vá ao teatro, aos bailes, aos círculos de Damas, às mesas de jogos das Damas ou de jogadores profissionais, e que se deite depois da meia-noite.

Esta educação e esta vida tornarão o espírito e o corpo capazes de fazer a guerra na Finlândia ou nas Montanhas de Verchatúria durante os meses de Outubro e Novembro? Que a Rússia pense em tempos desses que podem chegar quando Ela menos o espera; e então, se sobre isso houver previdência, adaptar-se-á a Educação da sua juventude ao clima e às necessidades que poderão sobrevir de uma só vez.

O maior factor de destruição que encontro na educação francesa é que cada Jovem Fidalgo tenha o seu criado de quarto por direito, e como sombra inseparável do seu corpo, enquanto está no seu quarto e com traje ligeiro.

Faz hoje parte da educação, mesmo até da Francesa, que cada fidalgo se *barbeie a si próprio*, saiba frisar o seu cabelo com *quatro papelotes*: Sem custo se concordaria com a adopção desta *toilette*, contanto que na Rússia a actividade de frisar e de empoar, tal como na Suécia, fossem banidas do aposento ou camarim do Jovem Fidalgo. Se ele adquirisse este hábito, o criado de quarto deixaria de ser a sombra do seu corpo, o seu confidente, o seu amigo e o seu agente. Um Lacaio ou um velho criado doméstico educado na casa tomaria o seu lugar; com isto cortar-se-ia a raiz aos males acima mencionados e a muitos outros que omitimos por serem conhecidos.

Não desejaria que um Fidalgo Russo ignorasse o sistema Planetário, as propriedades dos quatro elementos, que ignorasse o uso da Bomba Boyliana, do termómetro, do Barómetro, do Higrómetro: é assunto para uma semana. Mas não quereria que ele fosse Astrónomo, nem Filósofo, e menos ainda químico. Quereria que entendesse o desenho suficiente para ser capaz de orientar a feitura de uma escada, de um aposento, um esboço de um acampamento, a elevação de um parapeito desta ou daquela maneira; mas não o quereria Pintor; nem com um atelier de pintura, e com um outro ao lado, de História Natural. Isso é um estudo próprio dos Italianos, Nação Escrava abandonada à frivolidade, à aparência do saber e da verdadeira virtude.

Um Fidalgo Russo, em conformidade com o clima e a Constituição da sua pátria, deve pensar à maneira Romana, agir à maneira Romana, conduzir-se à maneira Romana.

A Disciplina Militar, introduzida por Pedro o

Grande nos seus exércitos e nas suas frotas, merece mais louvores do que a invasão da Ásia por Alexandre Magno. Pergunto, Senhor, e peço-vos mil perdões por isso, como Médico que teve a honra de o ter sido no polie voi, se esta excelente disciplina poderia conservar-se sem a forma de vestir francesa, sem sentinelas com tecido branco, sem frisagem de cabelo e sem pó de arroz? Mas pergunto também se o vigor, a força e a actividade de soldado não sofre com o trajo francês quando marcha sobre o gelo, se deita na neve, ao acordar coberto de neve, ao atravessar a pé uma ribeira no Inverno, e ao tornarem-se gelados os seus pés e pernas uma hora depois?

Estas questões não cabem aqui; mas mostram que a educação de um Jovem Fidalgo deve ser tão bem adaptada ao clima e à constituição da sua pátria, como o vestuário e a alimentação dos seus exércitos e das suas armadas. Ir tão rudemente contra Leis tão poderosas e tão constantes como são as da Natureza é ser escravo do preconceito, é estar privado de toda a sensibilidade.

Ia acabar, Senhor, por receio de vos incomodar mais tempo; mas amo-vos e venero-vos demasiado para vos ocultar algumas considerações que decorrem dos princípios acima mencionados.

É uso comum que logo que um Fidalgo Russo entra na idade de exercer qualquer cargo no exército, no corpo da guarda ou na corte, deixe o seu preceptor ou director. Quando se sente sem entraves nem constrangimento, se não tiver a alma bem formada e o espírito bem instruído, lança-se nos vícios para preencher o vazio produzido durante a sua educação. Temos tantos exemplos desta forma de agir, que facilmente ficamos persuadidos desta verdade.

Os Romanos nunca consideravam acabada a sua educação, tanto se instruíam antes de estarem a exercer, como nos cargos de General, Comandantes dos exércitos e mesmo quando se tornavam Imperadores. Cipião Africano teve por mestre, por amigo e por confidente, Políbio, o mais excelente de todos os Historiadores que temos da Antiguidade. O grande Pompeu, que comandou as Legiões Romanas com a idade de vinte e três anos, conservou sempre junto de Si, nas suas expedições, Dinis de Alicarnasso; Trajano, que tão consideravelmente engrandeceu o trono, teve Plutarco por mestre, por amigo e por confidente. Nunca mais acabaria se quisesse mencionar exemplos semelhantes. Mas esta moda já não existe. Gosta-se mais de ter em casa um ou dois excelentes músicos; um Negro de Angola e outras raridades parecidas de elevado custo, do que procurar um homem sábio, experimentado, que tenha servido nas forças armadas, no campo das Embaixadas, ou junto

dos Tribunais, com a probidade digna do saber, com a flexibilidade de um homem que conhece o mundo.

Seria de desejar que esta moda de ter sempre um homem dotado com estas qualidades permanecesse sempre na casa do Jovem Fidalgo, quer quando estivesse empregado, quer quando mudasse de Ocupação. Este homem ficaria na qualidade de amigo; seria útil através do seu exemplo em milhentas coisas, em tempo de prosperidade ou de adversidade. Cortando da lista da despesa doméstica qualquer artigo supérfluo e de luxo, substituí-lo-íamos por um amigo perfilhado, dotado das qualidades que acabo de especificar.

Lendo a história da ruína e da destruição dos Reinos e das Repúblicas, nunca se atribui a causa à falta de dinheiro ou de coisas necessárias à vida, e menos ainda à falta de um exército. A causa disso foi a raridade de Grandes homens; quando lá faltou a inteligência, a diligência, o conselho e a providência, únicas qualidades que, com a força, conservam os Impérios.

O segundo defeito, aliás reprovado pelos mais bem instruídos na conduta dos homens em sociedade, é que os Jovens Fidalgos viajam por toda a Europa sem o mínimo conhecimento do seu próprio país; e esta é a única razão do pouco proveito que retiram dessas viagens. Como não têm o espírito adornado com as leis da sua pátria nem com os conhecimentos da sua agricultura, do comércio, das fábricas, das minas, das pescas, quando nas suas viagens dão de caras com estas coisas, não conseguem fazer juízos sobre elas, já que lhes falta o termo de comparação. Então, tudo aquilo com que não tiveram contacto, de que não conhecem o uso nem a utilidade, lhes parece maravilhoso.

Um Jovem Fidalgo devia ir todos os anos ver uma Província da Rússia, acompanhado ou do seu amigo, ou de qualquer homem tão bem instruído que lhe pudesse insinuar as observações que havia de fazer sobre os produtos da natureza e da arte, sobre a forma de viverem os seus habitantes, sobre os seus usos e costumes. Aí se observariam a agricultura dos cereais, do cânhamo, dos linhos, as diferentes espécies de rebanhos, o seu número e força; as fábricas de tecido, de coiros, de panos de lã, as pescas, as Minas; aí se poderia habitar em diferentes cantões nas casas dos camponeses, observar a sua alimentação, os seus usos e costumes nas bodas e nos enterros; conhecer os caminhos, os rios navegáveis, os Lagos, as florestas; observar nas cidades o comércio, as artes, as fábricas e os ofícios e o mercado dessas fábricas, etc..

Estes conhecimentos do interior deste vasto Império entram na sua Economia particular e Política.

É um conhecimento que lhe será útil durante toda a vida, esteja empregado na Corte, nas forças Armadas ou no Senado, mas principalmente nas Cortes Estrangeiras; com tais conhecimentos, se então se viajasse pela Europa, a utilidade que se retiraria das viagens seria completa. Como estes detalhes são muito fáceis de compreender, não me deterei neles mais tempo.

Quando comecei esta carta, não pensei falar de Religião; mas tendo reflectido na grande voga dos livros do Senhor Voltaire, do Senhor Rousseau de Genebra e de um milhar de brochuras que procuram destruir a Religião e fazer perder o seu respeito, pensei que seria útil a um Jovem Fidalgo Russo ser instruído sobre a Necessidade e absoluta carência que cada Reino, cada República, têm da santa Religião, que consiste na crença de um Deus, Autor de todo o bem, e de todas as verdades reveladas para o bem dos homens em sociedade.

Mostrar-lhe-ei que um Estado nunca poderá subsistir sem Religião; e que se quiser erradicar esta do coração dos súbditos, esse Estado desfar-se-á em pó e ficará reduzido a nada.

Um Estado não pode subsistir sem a santidade do *juramento*: vejamos o que é juramento!

O homem que presta juramento ou face ao Magistrado ou ao seu Soberano, promete, compromete-se, a cumprir inviolavelmente qualquer coisa que lhe seja exequível; e como sinal de verdade e fidelidade, Invoca Deus como testemunha da sua promessa.

Quando um Senador, um Marechal, prestam juramento de fidelidade a s[ua] M[ajestade] F[idelíssima], que lhe serão fiéis, invocaram Deus Todo Poderoso por testemunha do seu compromisso. Por este juramento, o Senador exerce o seu cargo sem prevaricação, por este juramento, o Marechal expõe a sua vida a mil sortes de perigos.

Se suprimirdes a crença em um Ser Todo Poderoso, destruíds todos os elos que ligam os súbditos ao Soberano; destruíds todos os contratos, todos os Exércitos que constituem a defesa da vida, dos bens e de todo o sossego social.

Não me louvem a Honra, e que ela basta para produzir na sociedade tudo o que opera a Religião. É querer enganar-se, julgar assim os homens. A força da Honra não se prolonga para além do tempo em que houver testemunho das acções. O Incrédulo, logo que puder trair o seu juramento simulado, fá-lo-á sem remorso, tão cedo quanto estiver seguro de que a sua infidelidade não será conhecida por ninguém.

Os que fazem de Missionários da Irreligião não poderão garantir que, sem o *Juramento*, um Estado poderá subsistir. E se concordarem no juramento como acto necessário para o conservar, concordam necessariamente com um Ser supremo como teste-

munha e garante do contrato entre o súbdito e o soberano.

Desejaria que o Jovem Fidalgo estivesse persuadido deste princípio incontestável da Religião e do Estado Civil; e que reservasse algum tempo para reflectir sobre o alcance deste princípio. Se for convencido disto, e também pela leitura, terá aversão a estes discursos libertinos e escandalosos contra o Evangelho, contra os Mistérios da Religião, sabendo perfeitamente que estes discursos são não apenas ímpios, mas contrários à lei do país em que nasceu, lei que deve observar pelo juramento tácito que fez logo que atingiu a idade da razão.

A Lei de observar e de crer na Religião cristã na Rússia, deve ser observada pelos súbditos que a abraçaram, como a lei contra o crime de morte: o que mata é tão culpado face à lei civil, como o que blasfema; e pelo juramento de fidelidade ao Soberano, tornou-se duplamente culpado.

Eis, parece-me a mim, aquilo com que os Missionários da Irreligião não tiveram cuidado; se tivessem pensado seriamente nas consequências que decorrem das suas asserções, umas vezes metafísicas, outras resultantes da ignorância, persuado-me que seriam mais cautelosos em adoptar estes princípios tão contrários à sociedade em que vivem e onde nasceram.

Estou persuadido do que acabo de asseverar; estou persuadido de que todo o homem racional sem preconceitos enraizados será da minha opinião. Mas por desdita do Espírito humano, ele não consegue manter-se numa posição média e de equilíbrio; Plínio o Grande, que tão bem conhecia o homem, deplora esta qualidade do nosso espírito que consiste em que, quando está à vontade, tão depressa aumenta os objectos, como os torna pequenos e como miniaturas. Foi o que aconteceu a todos os homens quando se familiarizaram com as pesquisas da Religião: ou se tornaram *supersticiosos*, ou se tornaram *Incrédulos*.

É indubitável para o povo da Rússia, que a *superstição* excede a esfera da Religião, ou, para falar mais claramente, para o povo, a Superstição tomou o lugar da verdadeira Religião: a ignorância é apanágio do povo; instruí-lo acerca dos seus deveres é coisa impossível, e, pela mesma razão o é, pretender torná-lo esclarecido.

A superstição, enquanto não é prejudicial à verdadeira Religião; e enquanto não destrói as obrigações às quais obriga a Lei natural, há que tolerá-la, deixá-la assim. Mas quando se torna perniciosa à sociedade, há que combatê-la e abandoná-la.

Acho, Senhor, que ides ficar surpreendido por ir tão longe no capítulo da Religião, enquanto não pensardes que os velhos Diabos acabam sempre em ere-

mitas; mas depressa vereis que a Missão não é desígnio meu.

Deus, esse Ser Infinito que nunca podemos conceber senão pelas suas adoráveis bondades para conosco, é a Causa de todo o bem que conhecemos; o mal que experimentamos entre nós provém de nós próprios. O Sol é indubitavelmente a origem da Luz; esta encontra a terra, e deste encontro se produz a *sombra*; o mal moral de que nós nos queixamos deve ser concebido como a sombra ou a noite de que a terra é a causa.

Deus plantou na alma humana o desejo da sua conservação, e o poder de produzir um seu semelhante: a inteligência, a habilidade, as forças, a providência de que dotou o homem, foi para conservar a sua vida e prolongá-la na posteridade. Eis a Lei Natural pela qual temos o direito de nos conservar e de afastar tudo o que nos for contrário.

A Religião Revelada é um bem de uma natureza superior; é para tornar o homem mais feliz e mais contente em si próprio pela esperança, e para comunicar, ajudar e amar os seus semelhantes; esta segunda Lei é a confirmação da Lei Natural e um acréscimo à nossa conservação e ao nosso bem-estar.

Assim, nem a Religião Natural nem a Revelada existem para destruir o nosso corpo nem para impedir os deveres que tendem à nossa conservação. Se estas duas Religiões servissem para nos destruir, para nos atormentar, não poderiam provir de Deus, Autor de todo o bem.

O jejum, a abstinência, as orações cantadas por várias horas nas casas dos Senhores desde manhã cedo, e por vezes à tarde, são um excesso de dever.

Este excesso é prejudicial à conservação do corpo, ao vigor que se torna necessário ao trabalho tão rude na Rússia durante o Inverno ao ar livre. Estas orações longas cantadas durante várias horas, impedem os que têm deveres, de os cumprir.

Eis o caso em que estes excessos não devem ser tolerados nem seguidos.

O jejum, com a moderação que a *sã Religião* ordena, deve ser observado, recebido como Lei na Religião e no Estado Civil: comer com abstinência; o corpo robusto, são e exercitado pode fazer assim a sua alimentação sem se destruir. Desta forma, o Estado Civil aumenta prodigiosamente a alimentação a baixo preço para os seus súbditos. Mas prolongar o jejum até três dias e estender a abstinência ao pão, à água e aos cogumelos, isso tornar-se-á prejudicial à conservação do corpo, aos deveres e às obrigações que se estabeleceram na sociedade.

Eis a minha missão quase no fim. Como propus acima que o Jovem Fidalgo se deve levantar durante toda a sua vida *às seis horas* da manhã; como propus

que imediatamente a seguir começaria a sua instrução com o preceptor do Livro de *Receita e Despesa* ou com o seu Engenheiro; ou então com o seu outro Mestre de Moral, História, Direito Natural e Civil, conhecendo o uso e a devoção (às vezes reprovável) das casas dos Senhores Russos, tive receio que o Fidalgo, por superstição ou por preguiça, frequentasse mais a capela para cantar do que para fazer os exercícios acima recomendados, e esta foi a única causa, Senhor, que obrigou um velho Médico a falar de Religião.

Se fosse este o lugar, mostraria com evidência através da história que todas as superstições e excessos fanáticos pelos quais a *sã Religião* é obscurecida, provém dos claustros dos Monges do Oriente. Logo que estes bons Padres se estabeleceram junto dos Monarcas educados por estes ignorantes Monges, expandiram mais as suas quimeras do que a verdadeira religião que eles não conheciam. Então, com o poder que os Patriarcas usurparam, todos os súbditos destas Monarquias se tornaram tão supersticiosos e tão arrebatados como os Monges. Mas basta, por agora.

Sei que faltam aqui algumas tiradas de preceitos para impedir que o Jovem Fidalgo caia nas intrigas e nas desordens do amor. Sei que é costume recebido dos Autores da educação. Mas como não tenho a menor pretensão de entrar no seu catálogo, não direi nada sobre isso.

Direi somente que a matéria do amor é um Mistério e que, agindo sabiamente, nunca se deve escrever sobre mistérios nem deles falar; e que, se for absolutamente necessário que esse assunto seja tocado, se deve comunicar somente ao ouvido, como foi com a doutrina oral de Pitágoras ou dos Antigos Druidas.

Eis, Senhor, tudo o que pude meditar para cumprir as vossas ordens. Sei perfeitamente que vós já fizestes mais pela educação dos Senhores vossos Filhos, do que o que acabo de propor. Se tive a felicidade de ir ao encontro dos vossos pensamentos, sinto-me recompensado para além dos meus desejos. Gosto tanto da Rússia quanto o que lhe devo, e devo-lhe tudo o que tenho, tudo o que possuo e tudo o que sou. Penso que os Fidalgos Russos vos imitarão no futuro na educação dos seus Filhos; é impossível que não sejais imitado. O lugar, o estado e a situação tão elevados e tão distintos, que tão dignamente possuís, que vos fazem amar e respeitar; a felicidade de uma numerosa e simpática família com a qual o Todo Poderoso vos abençoou, tudo isso contribuirá para a felicidade da Rússia e para a vossa glória, por terdes sido o primeiro dos seus Fidalgos que introduziu uma educação que será o mais sólido apoio deste formidável Império. Uma vida e uma saúde assim tão

caras a todos os que fazeis agora e fareis no futuro felizes, são dignas de que, aqueles que amam a felicidade do género humano, a paz, a estabilidade dos Impérios e a felicidade das famílias, façam sinceros e os mais ardentes votos à vossa conservação e felicidade, votos aos quais junto os meus, do fundo da minha alma e com o mais profundo respeito e o mais vivo reconhecimento.

Senhor,

de V. Excelência
Muito humilde, muito obediente
e muito obrigado servidor

Paris, 6 de Novembro de 1766